

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Religião: Crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. 80 p.¹

Marcelo Lopes²

A obra ora em tela constitui-se num ensaio relativamente breve em extensão, mas denso em conteúdo. Trata-se de um escrito ensaístico acerca da religião, construído em oito tópicos, nos quais o autor trabalha – brilhantemente, sublinhe-se – justamente a questão da crítica feita à religião, mormente a crítica moderna, mas também aborda a questão da criatividade religiosa, sobretudo o aspecto de sua potencialidade crítica. Percebe-se, portanto, que o título da obra espelha, de modo fiel, seu o conteúdo.

O Autor, Antonio Carlos de Melo Magalhães, é um pesquisador maduro. Doutor em teologia pela *Universität Hamburg* (1991), tem ampla experiência docente que inclui a própria instituição em que se doutorou, sendo primeiramente professor e Diretor de Estudos na *Missionsakademie An Der Universität Hamburg* no período de 1991-1994, e, posteriormente, como professor visitante no ano de 2004. Exerceu cargos de professor, coordenador e diretor na Universidade Metodista de São Paulo e, atualmente, é professor da Universidade Estadual da Paraíba, onde foi Pró-reitor Adjunto de Pós-graduação e Pesquisa e atua na Pós-graduação em

¹ A resenha foi recebida em 20 de novembro de 2017 e aprovado em 04 de abril de 2018 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutorando e mestre em Ciência da Religião (Religião, Sociedade e Cultura) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia. Integrante do Grupo de Pesquisa - NEPROTES (Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias - UFJF/CNPq) e da REA (Rede de Estudos Assembleianos. Bolsista PPCIR-UFJF. E-mail para contato: montanhista-ms@hotmail.com.

Literatura e Interculturalidade (Mestrado e Doutorado), sendo seu atual Coordenador.

Magalhães inicia sua reflexão fazendo um questionamento: A religião é a responsável pelas desgraças do mundo? A resposta à indagação não é direta, mas apesar do reconhecimento de que há justificativas plausíveis que poderiam ensejar uma resposta afirmativa, o autor vai além e problematiza a questão da crítica endógena ao fenômeno religioso. Segundo Magalhães, “a crítica religiosa à religião faz parte da história das profecias e da intelectualidade no ocidente, (...) [de modo que,] a primeira crítica à religião nasce dentro de si mesma. [Isso porque] a religião conhece, num exercício de autocrítica, os perigos que ela mesma representa”.³

No lastro da asserção acima, o autor pontua, no segundo tópico do ensaio, que a crítica moderna à religião, a qual preconizava a caducidade e a inevitável obsolescência desta, na medida inversamente proporcional ao avanço daquela, não ocorreu conforme *profetizado*. Nesse sentido, é patente que “a modernidade avançou, mas a religião também. A modernidade agoniza, a religião recupera lugares perdidos”.⁴ Entrementes, emerge no texto uma contribuição bastante significativa ao campo de estudos das religiões, aliás, mais precisamente, aos estudiosos do fenômeno religioso. Magalhães assevera que “a religião não deveria ser mais estudada como fenômeno explicado a partir de outro, mas como algo *sui generis*, que precisa ser lido e interpretado a partir de seus sistemas internos de referência com alcances enormes em diferentes âmbitos da vida”.⁵ Por fim, o autor encerra o segundo tópico sublinhando a fragilidade da crítica moderna à religião em função, sobretudo, do que ele denomina de “equivocos

³ MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Religião: crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 8-9.

⁴ MAGALHÃES, 2012, p. 12.

⁵ MAGALHÃES, 2012, p. 14-15.

epistemológicos e hermenêuticos”. Magalhães tem o mérito de reconhecer, por um lado, que em função dos sofrimentos das muitas pessoas que foram vítimas da religião, tal crítica tenha contribuído de algum modo para que não se esquecesse do potencial maléfico da religião.

No terceiro tópico intitulado: sobre verdade e gratuidade; observa-se inicialmente uma articulação em torno da questão da verdade. Conforme aponta Magalhães, a verdade está no campo da linguagem, e, portanto, do humano, necessariamente provisório e passageiro. “A verdade é, portanto, adaptável, relacional”.⁶ Num contraponto, o autor assevera que a religião existiu entre a verdade e a gratuidade. Esta última remete à dimensão religiosa “da bondade, do prazer, da entrega, do bem-fazer sem a lógica da retribuição ou da compensação”.⁷ Relaciona-se à graça, ao perdão, não a condenação. Assim, “a verdade sem gratuidade rapidamente desemboca na intolerância e na falta de prazer, além de cultivar o ressentimento e a sensação de desprezo ao mundo”.⁸ Magalhães associa, por fim, o perdão à força e não à ingenuidade, de modo que somente os livres vivem em gratuidade. Nesse sentido, a gratuidade e não somente a verdade, é fundamental para a religião.

O cerne do quinto tópico é a crítica à religião. Muito sobriamente, Magalhães desloca o eixo interpretativo da crítica à religião feita pelo espírito iluminista para a crítica que advém da dor. O autor coloca que “a crítica à religião não é mero fruto de uma herança recente, marcada pelas luzes e por seu séquito de intelectuais sedimentado pela suspeita acerca da religião. (...) A crítica nasce com o espírito de denúncia, de revolta. Sim, não vamos delegar a um plano de pura intelectualidade, de exercício de abstração, algo que nasce na convulsão de homens, mulheres e crianças”.⁹

⁶ MAGALHÃES, 2012, p. 22.

⁷ MAGALHÃES, 2012, p. 24.

⁸ MAGALHÃES, 2012, p. 25.

⁹ MAGALHÃES, 2012, p. 31.

Ainda desse quinto tópico, o autor pondera acerca de uma possível e provável afinidade entre a crítica sistemática e o surgimento da religião. Trata-se da constatação de que

a religião não nasce nas estratégias de poder, não tem o seu nascedouro nas colonizações, não tem sua origem primeira em estratégias de governantes em seu domínio dos corpos e dos pensamentos, antes ela nasce da dor, do desamparo, da ausência e da finitude. A religião, quando nasce, é primeiramente um grito de dor primordial, é o reconhecimento de nosso ser-para-a-morte, a impossibilidade de nos realizarmos, o enfrentamento de nossa dolorosa finitude. Daí ser a religião tão antiga quanto a humanidade, por esta nascer com sua dor de ser passageira e frágil.¹⁰

Percebe-se aqui um alinhamento do pensamento de Magalhães com o de Rubem Alves. Segundo Alves,

símbolos assemelham-se a horizontes. Horizontes: onde se encontram eles? Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós. E, no entanto, cercam-nos atrás, pelos lados, à frente. São o referencial de nosso caminhar. Há sempre os horizontes da noite e os da madrugada... As esperanças do ato pelo qual os homens criaram a cultura, presentes em seu próprio fracasso, são horizontes que nos indicam direções. Essa é a razão por que não podemos entender uma cultura quando nos detemos na contemplação de seus triunfos técnicos/práticos. Porque é justamente no ponto no qual ela fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram... Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenhosa tentativa de transubstanciar a natureza.¹¹

A afinidade entre a crítica sistemática à religião e o surgimento da religião a que se refere Magalhães nesse tópico, reside no pressuposto de ambos tocam em dimensões fulcrais da vida humana no que tange à pro-

¹⁰ MAGALHÃES, 2012, p. 33-34.

¹¹ ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002. p. 23-24.

dução de sentido. Para o autor, Deus está no centro da questão, pois “se Deus existe, então a vida precisa se posicionar em relação a ele, mas se ele não existe então fatalmente a vida também tem que reportar a uma ausência”.¹²

A religião como fonte da crítica à religião é o mote que anima o sexto tópico do livro. Magalhães inicia sua reflexão pontuando que há a necessidade de superar-se a impressão de que a crítica a religião deve ser feita somente no âmbito acadêmico ou intelectual externo à própria religião. Em seguida, destaca a herança do monoteísmo em relação à crítica, à suspeita e à dúvida em relação à própria religião. Para o autor, no monoteísmo, a “crença nasce de uma desconfiança em relação a própria crença, de uma suspeita da confiança exacerbada nas tradições que fomentam a crença”.¹³

Assim, o monoteísmo se configuraria como uma espécie de anti-religião, ou ao menos traz consigo essa significativa herança. “Mas isto não funciona somente como visão da outra religião, mas da alteridade dentro da própria religião que critica. Se considerarmos com cuidado as diferentes identificações das ameaças, algumas delas são internas, são voltadas contra a própria religião”.¹⁴ A verdade, o exclusivismo e o rigor ético marcaram os monoteísmos. E é justamente “esta busca pela verdade, o questionamento sobre o que manifesta a verdade, é algo que faz com que a religião se torne crítica das práticas religiosas. A religião que volta contra si mesma”.¹⁵

O sétimo tópico trabalhado no livro trata especificamente de textos bíblicos. Inicialmente, Magalhães retorna à discussão das duas teologias já

¹² MAGALHÃES, 2012, p. 34.

¹³ MAGALHÃES, 2012, p. 38.

¹⁴ MAGALHÃES, 2012, p. 43.

¹⁵ MAGALHÃES, 2012, p. 44-45.

abordadas anteriormente. Destaca as incongruências do texto bíblico, bem como sua ambiguidade, que é comum ao fenômeno religioso. Por outro lado, o autor assevera que existe sim, crítica à religião dentro da literatura bíblica. Essa crítica decorre da exposição, no texto sagrado, dos desejos inerentes ao humano, inclusive em sua relação com o divino, que o expõe em suas situações-limite. Magalhães toma como exemplo a narrativa bíblica da criação e queda do homem e, para articular sua argumentação, o autor trabalha o desejo, sobretudo o desejo pelo conhecimento, como sendo criação de Deus e, portanto, constitutivo do humano.

O último tópico trata da celebração e da comensalidade na religião. Para o autor, há um vínculo essencial entre festa, comida e religião, e, sua dissociação é devida à historiografia ocidental, excessivamente viciada em seus hábitos intelectualistas. Magalhães sublinha que nas religiões constitutivas da matriz religiosa brasileira, quais sejam: a indígena, o catolicismo ibérico e a africana; a festa e a comensalidade tinham valor não negligenciável. Assim, por exemplo, “religião, festa e comida são de máxima relevância para os estudos sobre a alimentação no Brasil e sobre as formas possíveis de constituição de vida digna para as pessoas”.¹⁶ Mais ainda, conclui Magalhães: “a religião é uma grande festa antropofágica, é um ritmo que vai do pé, passa pelo quadril e se deleita no mastigar. Religião é paladar e dança. Vida é sexo e estômago”.¹⁷

A modo de conclusão, o autor retoma sua proposta inicial de afirmar que a religião não somente seria objeto de crítica, mas, criativa que é, também é fonte de crítica, crítica endógena e nem por isso, menos crítica. No final das contas, nossa apreciação da obra é que esse livro é um ensaio arrojado e vanguardista, pois que confere à religião relativa autonomia, que pensamos seja sobremodo legítima, enquanto objeto de pesquisa.

¹⁶ MAGALHÃES, 2012, p. 71.

¹⁷ MAGALHÃES, 2012, p. 76.

Magalhães não se contenta somente com isso e lhe outorga a dignidade de ser fonte de crítica à própria religião. Portanto, com uma escrita a um tempo leve e densa, *Religião: crítica e criatividade* é uma leitura saborosa, apazível e que também tem lá sua ambiguidade, pois ao mesmo tempo que proporciona saciedade aos ávidos pelo conhecimento acerca da religião, deixa um gostinho de quero mais, o que pode ensejar novas abordagens e, quiçá, novas pesquisas. Recomendamos aos leitores que degustem sem moderação essa obra saborosa e instigante.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Religião: crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.